

## OS USOS DO OPERADOR ARGUMENTATIVO “ENTÃO” EM TEXTOS ORAIS BRASILEIROS<sup>1</sup>

Bruno DRIGHETTI<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)  
brunodrighetti@gmail.com

Elisete Maria de Carvalho MESQUITA<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)  
elismcm@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo objetiva descrever e analisar o funcionamento do operador argumentativo “então” em textos orais da Língua Portuguesa, de modo a verificar a sua contribuição para a argumentação do texto. As principais hipóteses que guiaram o desenvolvimento da pesquisa foram que esse operador é bastante recorrente nessa modalidade de língua e que a função por ele desempenhada pode apresentar variações. Para a realização desta pesquisa, valemo-nos de estudos de Koch (2000; 2008) e Ducrot (1987), principalmente, e selecionamos 10 entrevistas de *talk shows*, que compuseram nosso *corpus* de análise. Após a constituição do *corpus*, realizamos análises quantitativa e qualitativa, de forma que foi possível observarmos não apenas a frequência com que “então” ocorre nessa modalidade de língua, mas também como se deram as ocorrências individualmente. Os resultados mostram que, de fato, “então” é um operador recorrente na modalidade oral da língua, embora não seja o preferido no *corpus* analisado, bem como foi possível constatar a importância de mobilizar os recursos extralinguísticos para a atribuição do(s) sentido(s). Dentre as funções desempenhadas, verificamos algumas que fogem às gramáticas normativas, como de indicação temporal e manutenção de turno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística textual. Texto oral. Operadores argumentativos. Então.

### THE USES OF “ENTÃO” AS AN ARGUMENTATIVE OPERATOR IN ORAL BRAZILIAN TEXTS

**ABSTRACT:** This article aims understanding the functions of the argumentative operator “então” in oral contexts, in order to verify its contribution to the text’s argumentation. The main hypotheses that guided the development of the research were that this operator is recurrent in oral modality and that its function in the text might range. For that, we substantiate it using studies by Koch (2000; 2008) and Marcuschi (2008), among other text functions’ specialists. Thus, we selected 10 talk show interviews, which composed our corpus. After its compilation, we made a quantitative and qualitative analysis over it in order to observe and compare not only the operator’s frequency, but also how the occurrences happened individually. The results showed us that “então” is, in fact, recurrent in oral texts,

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte do trabalho de iniciação científica desenvolvido em 2017, sob o auxílio CNPQ, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista CAPES.

<sup>3</sup> Professora Associada do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

nevertheless not the most common operator, and also led us to observe the importance of considering extralinguistic resources for the attribution of meaning(s). When it comes to its functions, some of them differed from prescriptive grammars, such as time indication and turn-taking.

**KEYWORDS:** Text linguistics. Oral texts. Argumentative operators. Então.

**RECEBIDO EM:** 10 de maio de 2020

**ACEITO EM:** 12 de junho de 2020

**PUBLICADO EM:** dezembro de 2020

## 1 INTRODUÇÃO

Partindo do princípio de que toda enunciação é dotada de significação, apesar de nem sempre esta ser a pretendida pelo falante, faz-se necessário ampliar a noção chomskyana de competência, de forma que se considere, além da forma do texto, a consciência do falante quanto ao uso da língua no contexto social (KOCH, 1996, p.15). Dessa forma, deve-se considerar, ao fazer uma análise do texto, não apenas os fatores intralinguísticos, mas também extralinguísticos, como o contexto sócio-histórico, por exemplo.

Com base nessa noção, buscamos, nesta pesquisa, compreender a forma como se dá o uso do operador “então” e como ele contribui para a argumentatividade no/do texto, esperando mostrar como pode ser mobilizado esse elemento na construção do sentido. Além disso, esperamos contribuir para a refutação da falsa ideia de que os textos orais não são tão bem articulados quanto os escritos (como são frequentemente concebidos pelo senso comum). Defendemos, pois, a ideia de que a produção oral não é caótica, apresentando características próprias de estruturação, como a escolha do léxico, dos operadores argumentativos, das ideias a serem defendidas, entre outros elementos, como sustenta Marcuschi (2008).

Compreendendo essa noção, fica claro que, para a análise de um texto, não basta simplesmente analisar o cotexto, sem buscar compreender os aspectos que envolvem o

produtor, como suas intenções, a quem ele se dirige, como é o seu dizer, entre outros. Tendo em conta essa afirmação é que realizamos esta pesquisa, buscando analisar e compreender os recursos argumentativos utilizados por indivíduos brasileiros em produções orais, com o intuito de evidenciar as escolhas argumentativas efetuadas pelos produtores no momento de produzirem seus textos, bem como os efeitos por elas produzidos, sempre levando em consideração a situação em que o produtor do texto se encontra no momento da produção textual.

Ao observarmos o emprego dos elementos argumentativos, entendemos que não é suficiente considerar seus usos comuns, pois podem haver variações devido às circunstâncias da enunciação. Pensando nisso, essa análise, especificamente sobre o operador mencionado anteriormente, foi desenvolvida de acordo com Koch (2008) e Ducrot (1987), principalmente, privilegiando-se, assim, a(s) função(ões) desempenhada(s) no texto pelo operador argumentativo analisado.

Nesse sentido, as hipóteses que guiaram o desenvolvimento desta pesquisa foram: i) “então” é amplamente recorrente na modalidade oral de língua; ii) o operador “então” pode desempenhar funções diferentes das previstas pelas gramáticas normativas brasileiras tradicionais.

Em consonância com essas hipóteses, temos os seguintes objetivos: i) verificar a frequência com que “então” aparece nos textos orais; ii) descrever e analisar os usos desse operador, principalmente os que fogem ao previsto pelas gramáticas normativas brasileiras.

Na tentativa de atingir os objetivos, selecionamos 10 entrevistas de programas de *talk show*, a fim de compormos o *corpus* de análise. Para além disso, apoiamo-nos em fundamentos teóricos, a partir dos quais discutimos e problematizamos os temas que passamos a discutir.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Apresentamos, neste momento, algumas das teorias nas quais nos baseamos para sustentar nossas análises, dentre as quais destacamos Koch (2000; 2008) e Ducrot (1987). Assim, dividimos essa seção em três tópicos: i) a argumentação; ii) os operadores argumentativos; iii) texto oral e texto escrito. Posto isso, iniciemos com estudos sobre a argumentação.

### **2.1 A argumentação**

Para a composição de nossa fundamentação teórica, foram fundamentais as ideias de Koch (2008) acerca da argumentação. Partimos da premissa de que a linguagem deve ser encarada “como forma de ação, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade” (KOCH, 2008, p.15). Nesse sentido, há de se considerar, antes de realizar qualquer análise linguística, a função social da linguagem, bem como a argumentatividade que está nela inscrita.

Temos, então, que a observação de um texto deve ser feita em dois planos: intra e extratextual. O plano intratextual faz referência ao próprio texto, às palavras que o compõem. O extratextual, por sua vez, refere-se ao plano exterior, ao contexto de sua produção, às intencionalidades do seu produtor e outros. Dessa forma, sabemos que um texto, por ser naturalmente argumentativo em algum nível, pode ser dividido em unidades menores que também possuem um efeito para a função argumentativa, podendo favorecer essa intenção ou não. A escolha vocabular é, nesse sentido, de suma importância.

Não há como lidar com argumentação sem citar os conceitos de coesão e coerência textual, já que esses conceitos estão relacionados de alguma forma. A coesão é revelada

“através de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto” (KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p.15). A coerência, por outro lado, já está mais relacionada ao que se pode extrair do texto, à significação nele contida. Uma das formas de obtê-la é a partir da própria coesão, que, se bem utilizada, pode colaborar para uma melhor compreensão do que se pretende informar no plano textual. Ainda assim, a coesão não é capaz de produzir sentido em um texto por si só; logo, mais do que relações coesivas, um texto deve suscitar em seu leitor uma conexão conceitual-cognitiva, podendo se estabelecer pela situação da interação, pelos fatores socioculturais presentes no discurso, etc. (FÁVERO, 1997, p.75).

Tendo em conta o modo como os textos são produzidos e a relação existente entre esses conceitos – argumentação, coesão e coerência –, entendemos que nenhum discurso é neutro, e, assim, sempre carrega ideais em si de alguma forma. Julgamos todo discurso, inclusive os ditos neutros, como portadores de ideologia. Seguindo essa lógica, concordamos com Koch (2008, p.17), que afirma que

a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso - ação verbal dotada de intencionalidade - tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas opiniões. É por essa razão que o *ato de argumentar*, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a *todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia*, na acepção mais ampla do termo (KOCH, 2008, p.17, grifo da autora).

Relacionado a esse contexto, algo que merece destaque é a distinção realizada por Abreu (2006, p.25) entre “convencer” e “persuadir”. O primeiro termo faz referência às situações em que, construindo-se relações no campo das ideias, o ouvinte passa a pensar como o orador, ou seja, está relacionada à razão. O segundo termo refere-se a situações em que o orador sensibiliza o ouvinte para que este adira a suas ideias; em outras palavras, está

relacionado à emoção.

Com essa linha de pensamento, podemos questionar, então: do que trata a argumentação? Do convencimento ou da persuasão? A fim de responder a essa pergunta, concordamos com Abreu (2006, p.25), que julga necessário para uma argumentação efetiva que se convença e persuada seu ouvinte concomitantemente, gerenciando informação e emoção, para que ele tenha desejo próprio de aderir à forma de pensar a que está sendo exposto. Afirmamos, também, que não é total responsabilidade do orador fazer com que seu discurso seja convincente, dependendo, ainda, da disposição do seu auditório, que tem um papel fundamental e relativamente autônomo em seu processo de deixar-se envolver com um novo tipo de pensamento; ou seja, ele não é de forma alguma subordinado a um pensamento.

Neste estudo, foi também de vital importância o conhecimento dos fundamentos firmados por Koch (2008) acerca das relações discursivas. Dentre as relações que se podem estabelecer entre o enunciado e o enunciador, podemos reafirmar as argumentativas, que dependem das intencionalidades do falante e de suas atitudes. No texto, as marcas linguísticas podem favorecer o processo argumentativo, e assim justificamos nosso interesse em estudar operadores argumentativos por defendermos a ideia de que eles apresentam um papel de crucial importância para a sua efetividade. Dessa forma, quando da análise dos dados levantados no *corpus*, levamos em conta não apenas os aspectos textuais, mas o contexto extratextual, bem como as intenções e condições do falante dentro do seu processo de produção.

Além dos autores já citados, destacamos a obra “A Retórica”, de Aristóteles (2005), por sua inegável contribuição para os estudos do discurso. Nessa obra, o autor faz algumas afirmações sobre as maneiras como a persuasão deve ocorrer. Conforme seus estudos, ela pode se dar por conta do carácter do orador (quando este demonstra confiança), pela forma

como se dispõe o ouvinte (quando ele se deixa levar pelas suas emoções e perde a capacidade de avaliar), ou pelo discurso (quando este é verdadeiro ou parece verdadeiro o suficiente para que seu público acredite). O autor ainda não considerava, todavia, os elementos coesivos, que consideramos como operadores importantes para guiar a estrutura geral do enunciado e contribuir para a produção de sentido.

## **2.2 Os operadores argumentativos**

Os operadores argumentativos são elementos que podem garantir a coesão do texto e, se utilizados em contextos adequados, podem favorecer também, por consequência, a coerência textual. Discini (2005) os define como “os elementos linguísticos que marcam a conexão entre argumentos, estabelecendo entre eles determinada relação de sentido” (DISCINI, 2005, p. 24), ou seja, são termos ou expressões que têm por finalidade orientar o interlocutor para os rumos da discussão (KOCH, 1987). Koch (2008, p.102) considera os operadores como “instruções codificadas de natureza gramatical”, por serem estratégias que permitem ao receptor da mensagem percorrer algumas leituras possíveis, sendo orientado para certos tipos de conclusão. Dessa forma, eles permitem que se tenha um valor retórico na própria gramática.

O estudo dos operadores tem feito parte de inúmeras pesquisas da Linguística Textual, ainda que de maneira indireta, no sentido que eles são recursos da coesão. Há alguns autores, ainda, que se dedicaram a estudos complexos e relevantes do papel desempenhado pelos operadores para a argumentação do texto. Aqui mencionaremos algumas das ideias desenvolvidas por autores que foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa: Discini (2005), Koch (1987, 2008), Antunes (2005), Ducrot (1987) e Gouvêa (2006).

Para Ducrot (1987), “os operadores governam a estrutura semântica geral da frase” (DUCROT, 1987, p. 105), pelo fato de serem responsáveis pelo estabelecimento de ligações lógicas entre as sentenças, excluindo possibilidades de equívocos quanto à interpretação das ideias pretendidas. Nessa mesma linha de análise, Gouvêa (2006) considera que “é uma propriedade da gramática das línguas ter mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados, mecanismos denominados marcas linguísticas da enunciação” (GOUVÊA, 2006, p.110), tomando os operadores argumentativos como um atributo inerente à língua.

Koch (2008) justifica a importância do estudo dos operadores por considerar que seu conhecimento auxilia na formação dos diversos paradigmas que constituem. Dessa forma, é evidenciado o valor argumentativo inscrito na própria gramática. É o que leva a autora a afirmar que

é essa relação *paradigmática* que vai determinar a classe argumentativa a que o enunciado pertence, enquanto a *seleção* de um ou outro elemento vai apontar para combinações sintagmáticas ou encadeamentos possíveis. É somente na sintaxe do discurso que se caracteriza a não-afinidade de certos morfemas em termos argumentativos (KOCH, 2008, p.107, grifo da autora).

A própria autora (KOCH, 1987) já realizou o estudo de alguns dos principais operadores argumentativos da língua portuguesa. Entretanto, ela não faz referência ao operador central em nossa pesquisa, “então”. As gramáticas tradicionais, como a de Bechara (2009), em geral, classificam-no como uma conjunção usada para introduzir uma conclusão (BECHARA, 2009, p.397). A hipótese que apontamos nesta pesquisa, entretanto, é a de que o operador em questão não age necessariamente com essa função, diferindo, além disso, quanto ao ambiente e às intenções com que são utilizados.

### 2.3 Texto oral e texto escrito

Como o presente trabalho aborda as formas como o operador argumentativo “então” é mobilizado no contexto oral, é importante realizarmos uma reflexão acerca de suas peculiaridades, as quais podem interferir em sua função.

Para Marcuschi (2008, p.191), é impossível separar a oralidade e a escrita como sistemas linguísticos diferentes, já que ambas são diferentes formas de realização de um mesmo sistema linguístico, além de que não é possível realizar uma generalização quanto às regras de funcionamento de cada um (por apresentarem exceções).

Koch (2000, p.68), por sua vez, considera que a fala é menos planejada do que a escrita, que ela é fragmentária, incompleta, pouco elaborada (o momento de preparação do texto e de sua enunciação coincide), apresentando uma predominância de frases simples, curtas e coordenadas. Por outro lado, a linguagem escrita é por ela considerada como muito mais planejada, completa e elaborada, com uma subordinação constante. No entanto, isso não pode ser generalizado, pois, assim como existem falas mais formais (como em uma palestra), também existem situações de escrita informal (uma conversação pela *internet*, por exemplo).

Considerando essa impossibilidade de generalização, Marcuschi (2008) entende ser importante, quando da abordagem deste tópico, que se realize uma distinção entre meio e concepção. O primeiro termo faz referência à forma concreta com que a linguagem se realiza, podendo ser sonoro ou gráfico; já concepção refere-se à “natureza do meio em que o texto foi originalmente expresso” (MARCUSCHI, 2008, p.192), isto é, se o texto era inicialmente oral ou escrito. Assim, concordamos com a sua afirmação de que “o som não é uma condição suficiente para a definição da língua falada” (MARCUSCHI, 2008, p.192).

Seguindo esta linha de pensamento, podemos afirmar, retomando os exemplos já mencionados, que o texto falado em uma apresentação em um congresso apresenta o meio

sonoro e uma concepção escrita. A conversação informal da *internet*, da mesma maneira, apresenta o meio gráfico e a concepção falada (por ser mais próximo em suas características aos gêneros tradicionalmente orais, como a conversa). Assim, devemos levar em conta também a formalidade de um texto, visto que seu meio de realização não é condição suficiente para considerá-lo como representante da modalidade oral/escrita.

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

Para a composição do *corpus* de análise, utilizamos dez entrevistas de *talk shows* disponibilizadas *online*, no *site* Gshow<sup>4</sup>, que foram transcritas para serem posteriormente analisadas. Essas entrevistas foram compiladas nos meses iniciais da pesquisa (entre outubro e dezembro de 2016) e, em seguida, transcritas. Nossa opção por programas de entrevista para a composição do *corpus* se deu pelo fato de que as consideramos boas representações da fala, na medida em que apresentam meio sonoro e concepção oral (MARCUSCHI, 2008). A seleção das entrevistas que compuseram o *corpus* obedeceu ao critério da presença da maior diversidade possível de falas que representam os falantes da língua. Nesse sentido, o *corpus* é composto por entrevistas com atores, atletas, escritores, pensadores, entre outros.

Após a constituição do *corpus*, realizamos dois diferentes tipos de análise dos operadores argumentativos presentes nos textos. Inicialmente, realizamos uma análise quantitativa, de modo a estabelecer um quadro comparativo com a frequência dos operadores argumentativos (“então” e seus possíveis concorrentes) na modalidade de língua escolhida, a fim de determinar quais são os preferidos em cada situação. Passada essa etapa, realizamos análise qualitativa dos dados, ou seja, observamos o funcionamento do operador “então” nas situações em que são mais usados, buscando compreendê-las e justificá-las, baseando-nos em

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/programa-do-jo/>>.

teorias de Koch (2008) e Ducrot (1987), principalmente.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise foi dividida em duas etapas: quantitativa e qualitativa. Inicialmente, apresentamos a etapa quantitativa, realizada a partir da consideração da frequência de “então” no *corpus* de análise. Posteriormente, apresentamos e discutimos os resultados obtidos a partir da análise qualitativa, realizada com o objetivo de observar individualmente as ocorrências, pois partimos da premissa de que não se pode generalizar regras para o funcionamento da língua, por ela ser viva e estar sempre sujeita a mudanças. Desse modo, entendemos que é importante realizarmos uma análise dos operadores argumentativos, considerando seu contexto de produção e todos os aspectos a ele atrelados, uma vez que podemos encontrar situações de uso muitas vezes não previstas pelas gramáticas normativo-tradicionais, por exemplo.

Passemos à análise mais detalhada das ocorrências de “então” no *corpus* selecionado. O quadro 01 mostra que o operador argumentativo em questão é muito frequente em textos orais. Embora esse operador seja tradicionalmente classificado como conclusivo pelas gramáticas normativas tradicionais, o que observamos nesta etapa de análise é que ele pode ser usado com diferentes funções. Considerando que o uso prototípico de “então” atrela-se a contextos de conclusão, procuramos comparar seu uso com o de demais conectores conhecidos por tal funcionalidade, como “portanto”, “por isso” e “assim”. Uma rápida análise da frequência do uso dos operadores nas entrevistas abaixo nos mostra que “então” é um operador muito acionado pelos falantes da Língua Portuguesa do Brasil em situações de uso oral da língua, ainda que não seja tão frequente como outros operadores tais quais “aí” e “assim”, com os quais tipicamente concorre.

Quadro 01 – Número de ocorrência de alguns operadores argumentativos que podem concorrer com “então” no *corpus* analisado (em ordem decrescente).

<b>Operador Argumentativo</b>	<b>Nº de ocorrência(s) dos operadores no <i>corpus</i> oral</b>	<b>Percentual</b>
<b>Aí</b>	158	23,5%
<b>Assim</b>	155	22,9%
<b>Então</b>	126	18,6%
<b>Enfim</b>	20	2,9%
<b>Bom</b>	18	2,6%
<b>Portanto</b>	1	0,1%
<b>Logo</b>	1	0,1%
<b>Total:</b>	675	100%

Fonte: elaborado pelos autores

Como um dos propósitos deste trabalho é contribuir para se desfazer a ideia de que a língua pode ser esquematizada como fazem as gramáticas normativo-pedagógicas, analisamos alguns dos casos em que os operadores foram utilizados, com a expectativa de encontrarmos situações não usuais de seus usos. Ao tomar esse posicionamento, concordamos com a ideia de Antunes (2005, p.145) de que mais importante do que simplesmente classificar os “marcadores” da língua quanto à sua função e posição mais recorrentes é compreender os valores e efeitos semânticos por eles suscitados no texto. Embora sejamos adeptos desse ponto de vista, não pretendemos incentivar a ideia do abandono das gramáticas normativo-pedagógicas, mas incentivar seu uso com olhar crítico, a partir do qual seja possível perceber que suas informações podem variar em determinadas situações pelo fato de a língua ser um organismo vivo, que pode se curvar às necessidades dos falantes.

Partindo para a análise qualitativa do *corpus*, temos que “então” pode, de fato, apresentar diversas funções não previstas pelas gramáticas normativas, como a de estabelecer continuidade à interação ou mesmo de indicação temporal. No quadro 02 explicitamos a quantidade de ocorrências de “então” no *corpus* de análise, com suas respectivas funções.

Quadro 02 – Ocorrências de “então” no *corpus* analisado e seus percentuais (em ordem decrescente).

Função desempenhada por “então”	Nº de ocorrência(s) no <i>corpus</i> oral	Percentual
Conclusão	40	31,84%
Continuidade	33	26,28%
Conclusão + continuidade	26	20,7%
Iniciar o turno	18	14,38%
Continuidade + temporal	3	2,5%
Temporal	2	1,7%
Conclusão + temporal	3	1,7%
Oferta de alternativas	1	0,9%
Total	126	100%

Fonte: elaborado pelos autores

A partir da observação do quadro 02, percebemos que o operador “então” pode desempenhar outras funções além da conclusiva. Na realidade, embora a função conclusiva tenha sido a que possui mais relevância individualmente (compondo 31,84% das ocorrências), não podemos limitar as possibilidades de uso de “então” a ela, visto que 68,16% das vezes em que esse operador é acionado pelo falante, a função desempenhada foi outra.

Apesar de termos distinguido as funções “continuidade” e “início de turno”, as duas são formas de dar continuidade ao discurso, seja por meio da tomada da palavra (manutenção de turno no diálogo) ou da encadeação da própria fala.

Além disso, destaca-se o fato de que, em alguns casos, o operador pode desempenhar mais de uma função, sendo uma delas secundária. Embora no quadro conste “conclusão + continuidade”, por exemplo, isso não diz respeito a qual função apresenta mais força, apenas ao fato de que elas podem ocorrer concomitantemente. Na realidade, foi necessário observar cada contexto em específico para definir qual função se sobrepõe.

Como o número de ocorrências de “então”, no *corpus* analisado é relativamente extenso, selecionamos algumas situações mais relevantes, que chamam a atenção pelo fato de apresentarem situações menos usuais de uso. Passemos, portanto, à sua observação.

(01) “Jorge Caldeira: Isso mudou o ritmo do mundo e o Brasil é fruto direto dessa mudança, quer dizer, o Brasil é o primeiro país do planeta aonde que foi povoado por todos os povos do mundo, quer dizer, aqui os tupis foram importantes, os nativos foram importantes, os europeus foram importantes, os africanos foram importantes, depois vieram os asiáticos no século XX, **então (conclusão)** o Brasil que foi feito da união de povos de todo o mundo.”

(02) “Monica Iozzi: Pois é, o pessoal começa a escrever assim ‘Que aconteceu? Você foi demitida? É a crise’. Falei ‘Não gente, tá tudo certo’. É porque agora, é... Eu tava no Vídeo Show. Aliás, eu queria mandar um beijo pra todo mundo do Vídeo Show, amo muito vocês. Tolero o Otaviano, mas a maioria da equipe eu realmente gosto. E eu saí do Vídeo Show pra conseguir trabalhar como atriz, porque lá era diário, ao vivo, **então (conclusão)** não dava.”

(03) “Monica Iozzi: Ele respondeu assim pra mim ‘Não, é que eu não acredito que você vá se casar, não’. Eu virei ‘Tudo bem, eu também não’. Mas porque as pessoas que me casariam já são casados, **então (conclusão)**...”

Nestas situações, a única função do operador “então” é a de indicar uma conclusão.

Nesse sentido, poderia haver a permutação desse operador por outros como “portanto”, “logo” e “dessa maneira”, sem perdas semânticas significativas. No primeiro caso, o entrevistado faz uso do elemento em questão para concluir sua fala de que, como o Brasil foi povoado por diversos povos do mundo, é um país de muita variedade. Da mesma forma, no segundo, a entrevistada explica que seus horários como apresentadora não eram compatíveis com os de atriz, e assim teve que deixar o programa para se dedicar à carreira de artista.

Na terceira situação, entretanto, ocorre algo interessante em virtude da posição em que o “então” foi posto. Tendo ele vindo à posição final do texto, ele age concluindo-o, porém deixando a conclusão implícita, cabendo ao ouvinte o papel de desvendá-la. A entrevistada, ao afirmar que não se vê casada, explica que isso se dá devido ao fato de que as pessoas com quem ela se casaria estão comprometidas, ou seja, não há com quem se casar. Ao deixar o operador no final do enunciado e não apresentar nada em seguida, fica subentendido que o ouvinte deve ser capaz de deduzir o que viria depois.

(04) “Monica Iozzi: Deixa eu só dar um recado? É... Falar duas coisas muito rápidas, que eu também...”

“Jô Soares: Não precisa ser rápido.

“Monica Iozzi: Não precisa ser rápido? Gente, vou ler Guerra e Paz pra vocês, **então**

(conclusão)...”

Em 04, assim como ocorreu em 03, o “então” é colocado ao final do enunciado. Aqui, todavia, há uma diferença. Enquanto em 03 há a possibilidade de que o operador seja substituído por outros, aqui isso não é uma alternativa. A forma como o operador aparece, ainda que indique conclusão, não soaria natural caso ele fosse substituído nessa mesma posição. Assim, não poderíamos ter algo como “Não precisa ser rápido? Gente, vou ler Guerra e Paz pra vocês, portanto...”. Isso ocorre porque, ao contrário do que acontece em 03, a conclusão não está implícita, mas ela aparece antes do operador. Se invertêssemos a ordem dos constituintes, uma construção como “Não precisa ser rápido? Portanto, gente, vou ler Guerra e Paz pra vocês” seria possível. Assim, essa inversão da ordem parece ser uma possibilidade de construção característica do “então”.

(05) “Jorge Caldeira: É, **então (continuidade)**, com um outro, um outro que não se sabe o nome, e aí no dia que o navio foi embora dois outros que se atiraram para a terra, que pensaram que era mais legal ficar lá naquela praia boa com aqueles índios que tinham recebido tão bem do que seis meses a bordo para ir não sei aonde. Lembrando que 1500, metade dos que saíram numa viagem dessa morriam, **então (continuidade + conclusão)** você achar um lugar mais ou menos legal era alguma coisa.

(06) “Ingrid Guimarães: Cresce... Mas aí eu ia lá e cortava daquele jeitinho. A gente gravou Chapa Quente agora de uma vez só, né, a temporada, **então (continuidade)** a gente gravava de segunda a sábado, e aí de vez em quando eu fazia alguma outra coisa, ou algum outro trabalho, **então (continuidade + conclusão)** não dava tempo mesmo, porque o tempo que eu tenho livre eu fico com a minha filha.”

Nestes dois casos (05 e 06), temos o “então” apresentando funções intercaladas nos textos, primeiro de dar continuidade ao discurso e em seguida para concluí-lo. Os primeiros “então” dos recortes possuem a função de dar continuidade ao texto, não apresentando qualquer significado além desse, de modo que podem ser omitidos sem que haja uma perda semântica. Eles contribuem, todavia, para a fluidez do discurso, como uma forma de se retomá-lo de onde parou. As ocorrências seguintes, por outro lado, apresentam também uma

função conclusiva secundária, no primeiro caso remetendo ao fato de que quem não encontrava uma morada em 1500 não sobrevivia, e no segundo à impossibilidade da entrevistada de cuidar da própria beleza por conta da falta de tempo livre permitida pelo trabalho.

(07) “Jorge Caldeira: Se você matasse quem tava lá você morria de fome na frente de um monte de plantas comestíveis, que você não sabia que podia comer, você não sabia como era a vida, você não tinha o ritmo disso. **Então (continuidade)**, as primeiras personagens todas desse livro são pessoas que não apenas casaram mas tem outra coisa que é essencial da vida brasileira, que você tem que viver mudanças culturais imensas para ser brasileiro e tolerar muito, **então (continuidade)** os primeiros personagens, você pega lá, né, Guaibim Pará, que era uma índia...”

(08) “Ingrid Guimarães: Mas é verdade, eu precisava te dizer isso, porque eu fico emocionada também, você faz parte da minha vida e quando os comediantes, a gente se encontra... Aqui comediante tem vez, né, você trata nós com esse tom de humor, tem uma entrada, tem um espaço aqui, **então (continuidade)** você sempre deu muita atenção pra gente, muito espaço, pra divulgar...”

(09) “Thays Martinez: É, sim, se bem que ela não é pesada, né, e esse aparelho, assim, a pessoa não deve ser puxada por ele, e sim segurar com bastante leveza, né, pra... Ir como uma dança mesmo, sabe. **Então (continuidade)**, tanto que, conforme o tempo vai passando, a gente sente essa sintonia se ampliar bastante.”

As ocorrências exemplificadas em 07, 08 e 09 são todas representantes do papel desempenhado por “então” para garantir a fluidez da fala, propiciando uma continuidade do enunciado e uma oportunidade de retomada do que está sendo dito. Em todas é bem visível que o operador não possui uma função conclusiva. Assim, podemos dizer que há uma “participação de ‘então’ no encaminhamento do tópico” (RISSO, 1996, p.433), isto é, “então” funciona como marcador discursivo.

No caso do excerto 07, o entrevistado estava relatando fatos históricos do Brasil e, em seguida, utiliza o operador para retomar o que foi dito anteriormente - sobre os personagens de sua obra. Na ocorrência 08, durante seus agradecimentos, a atriz entrevistada insere um “então” como meio de dar continuidade ao seu discurso. O mesmo ocorre em 09, em que a entrevistada, que é deficiente visual, estava falando da aparelhagem utilizada por cães-guias.

Depois, faz uso do operador para introduzir um novo assunto relacionado, que é a sua relação com o aparelho.

(10) “Júlia Lemmert: Deixa eu te falar, mas **então (continuidade)**, eu tenho essa minha amiga do sul que ela é muito colorada também, e ela... A gente vai, às vezes se encontra em lugares para ver o jogo.”

Em 10, embora seja claro que “então” desempenha função de continuidade, a presença de “mas” contribui para que essa função seja garantida, não interferindo no sentido pretendido. Assim, embora a princípio não haja uma diferença de funcionalidade em relação a 07, 08 e 09, a junção ao operador argumentativo “mas” (o qual também foge à sua função tradicionalmente atribuída, a adversativa) também se mostra possível, o que parece ser uma questão estilística da falante.

(11) “Jô Soares: Você agora tá de folga, quanto tempo é essa folga?  
Isaquias Queiroz: **Então (iniciar o turno)**, a minha folga, achei... Espero começar na sexta-feira, né, porque eu terminei os jogos, é... Fui ser o porta-bandeira do Brasil na cerimônia de encerramento. Ainda não parei, mal descansei direito, não consegui dormir. É... Mas... É, automaticamente minhas férias já começou, assim, porque não precisa mais remar, né, **então (continuidade)** a princípio tinha feito um acordo com o treinador, se eu ganhasse três medalhas eu ficava até janeiro de férias, né, só que o treinador no princípio falou sim, mas brincando, ela fala...”

Na ocorrência 11, temos dois usos distintos de “então”. O primeiro age de modo a dar continuidade ao diálogo, assim como nos outros casos observados, porém o fato de que ocorre no começo da frase indica que marca a manutenção de turnos. O segundo atua na frase de forma semelhante, porém para dar liga entre os fatos enunciados.

(12) “Jô Soares: Um seriado que você baixa na internet, claro que é uma coisa que clube, vamos dizer, **então (temporal)** você pega um seriado que tem dez pessoas que assistem, você consegue baixar mais rápido do que um seriado que tem só duas pessoas.”

(13) “Maurício Ricardo: Aquilo ali saiu, no *Facebook*, **então (temporal)** virou mania, eu tive que esclarecer, eu lembro assim que você fez um esclarecimento aqui no programa,

porque foi fic, a coisa cresceu de tal forma que as pessoas estavam me procurando pra perguntar, se aquilo aconteceu comigo.”

Na ocorrência 12, temos uma das situações em que “então” aparece com a função de indicação temporal, tanto que pode ser substituído por “quando”, um operador cuja função marcada é a de expressar uma circunstância de tempo. No trecho em questão, o entrevistador utiliza do recurso para fazer uma suposição, referindo-se, dessa maneira, a um tempo fictício, que não equivale ao do momento da enunciação. Em 13, “então” também age demarcando as duas instâncias temporais do texto: uma primeira, antes de a paródia feita pelo entrevistado ser publicada no *Facebook*, e uma segunda, depois de sua publicação. Pode ser substituído, desse modo, por algo como “e aí”, que também exprime essa ideia, mas não por “quando”, como em 12.

(14) “Jorge Caldeira: No navio tava o Américo Vespúcio. Américo Vespúcio era um piloto, uma figura, enfim... Que não era exatamente o melhor navegador do mundo, mas era um grande ouvinte de história. **Então (continuidade + temporal)** ele ouviu as histórias do Afonso Ribeiro, anotou, e quando ele chegou de volta dessa viagem ele escreveu um livro chamado *Novos Mundos*.”

(15) “Jesuíta Barbosa: A gente fez um filme, *Jô*, na região da Paulicéia, que mistura Minas, São Paulo. E chama Pedro Malasartes, né, o famoso Malasartes. **Então (continuidade + temporal)** a gente se encontrou, eu encontrei Hassum fazendo esse filme junto com (...)”

(16) “Guilherme Fontes: Eu tava atrás de ficção, e aí para isso eu tinha que ter um estudo profundo sobre cada um dos personagens, eu me inspirei em milhares de personagens e criei onze. **Então (continuidade + temporal)**, dentro daqueles centenas de histórias que teve antes de Fernando Morais, selecionei algumas.”

Nas ocorrências 14, 15 e 16, “então” apresenta uma dupla função: dar continuidade ao discurso e temporal. No caso 14, essas funções se dão de maneira mais sutil, mas uma observação de seu contexto de utilização nos permite inferir que mais do que retomando o que estava sendo dito, aqui o operador contribui para que haja continuidade da história, explicitando o que ocorreu no momento seguinte da narrativa. Pode ser substituído, desta forma, por “aí”, que exprime uma ideia semelhante.

O mesmo ocorre em 15, porém de forma menos sutil, tornando-se mais fácil visualizar a função desempenhada. Neste caso, o entrevistado utiliza o operador para retomar a história que estava narrando, necessitando, para isso, de um elemento coesivo capaz de não apenas resgatar a ideia, mas também de adiantar que o tempo da cena enunciativa foi deslocado. Da mesma maneira, em 16, o entrevistado, que estava relatando como se deu seu processo criativo na escrita de um livro, faz uso do operador para prosseguir a história rumo à próxima etapa.

(17) “Jorge Caldeira: Ela é a cara da brasileira, a cara da brasileira, a cara das nossas medalhistas olímpicas, das Olimpíadas... É a cara que a gente tem. E a gente sabe nada dela, que é outra coisa do passado brasileiro.

Jô Soares: Meio típico.

Jorge Caldeira: Meio típico. **Então (conclusão + continuidade)**, o que é essa brasileira que tem a nossa cara?”

(18) “Maurício Ricardo: Jô, vai ficando cada dia mais difícil, né? Porque antigamente eu fazia qualquer coisa e não tinha nada, não tinha comparação, **então (conclusão + continuidade)** eu fazia uma porcaria e tava ótimo.”

(19) “Ingrid Guimarães: Foi muito interessante fazer esse filme, sabe, esse processo tão artesanal, né, porque eu venho de filmes, eu faço muitos filmes blockbuster, filmes maiores, né. **Então (conclusão + continuidade)** esse é meu primeiro filme, assim, mais artesanal, um filme de grupo, uma coisa romântica e amorosa, e ao mesmo tempo tem uma coisa fresca de improviso...”

As ocorrências 17, 18 e 19 nos apresentam uma das situações em que “então” age, para além de sua função conclusiva, como uma estratégia para manter a continuidade do discurso. Essa relação fica clara quando pensamos em substituir o operador por “portanto”, por exemplo, que não comporta a função de continuidade.

(20) “Jorge Caldeira: Tupinambá só tratava estranho de dois jeitos, ou comia num banquete antropofágico se fosse muito corajoso, ou se fosse útil ou covarde casava, não tinha meio termo. Muito bem, **então (conclusão + temporal)** ele casou com ele e com outras mulheres.”

(21) “Maurício Ricardo: Alguém lembra da internet assim aqui? Ai... Era assim, era desse jeito. **Então (conclusão + temporal)** hoje é impossível, né. Tem até umas experiências, tem uns vídeos legais que eu já vi mostrando essa internet pro menino de hoje. Assim, os caras mostrando como era. Eles passam mal de rir, né, imaginar um mundo em que era assim a internet, né.”

(22) “Jô Soares: O Terry Johnson, que é um escritor inglês famosíssimo de cinema e também de televisão, tem vários seriados, ele ficou meu amigo em função basicamente ou

primeiramente do faturamento da peça aqui no Brasil, o que ele não esperava, **então (conclusão + temporal)** eu virei *my best brazilian friends*, claro.”

Nas ocorrências 20, 21 e 22, o que acontece com o operador “então” é que ele se realiza concomitantemente de duas formas: traz uma conclusão e uma indicação temporal. Assim, vemos que há duas interpretações possíveis e concorrentes para ele, de forma que a exclusão de uma comprometeria o sentido pretendido. Em todas, os produtores dos textos levam o ouvinte a uma conclusão, que se dá por meio de uma mudança temporal, podendo ser compreendida como a transição de uma situação enunciativa à outra.

Em 20, a conclusão do fato narrado é de a personagem havia se casado e, portanto, era covarde, de modo que vemos dois momentos distintos: um que antecede o casamento e um que o retrata posteriormente. Nesse caso, ainda, a ideia de conclusão também ocorre pela locução “muito bem”, que antecede o operador. Da mesma forma, em 21, o entrevistado faz um relato de como funcionava a internet discada. Ao tratar dos dias atuais, no entanto, faz uso do operador para marcar a distância temporal entre esses dois momentos, de forma que ele age também para mostrar que atualmente não seria possível o uso da internet discada. Por fim, em 22, o entrevistador faz referência a um escritor com quem trabalhou em uma peça, e conclui dizendo que, após o fim das atividades, devido ao sucesso de faturamento, tornaram-se amigos. Para isso, faz uso do operador “então”, que também delimita os momentos antes/depois da peça.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos a partir da análise do *corpus* foram de fundamental importância para a conclusão da pesquisa, pois nos permitiram visualizar um panorama de reflexões sobre o assunto, contribuindo para a teorização acerca dos operadores argumentativos. A partir dessas considerações, pudemos concluir que os operadores argumentativos podem, de fato,

apresentar diferentes funções dentro de um texto, isto é, podem contribuir para a argumentação pretendida por seu produtor de diferentes maneiras, de modo que não é possível esquematizar as funções de cada um com total precisão, delimitando as suas possibilidades de ocorrência, como comumente almejam as gramáticas prescritivas. Assim, consoante à teoria de Ducrot (1987), os operadores argumentativos estão diretamente relacionados à estrutura semântica do enunciado; a análise, por sua vez, nos revela que essa estrutura é instituída na própria enunciação, não se limitando exclusivamente a uma característica do operador em si.

Em se tratando especificamente do operador “então”, constatamos que ele desempenhou, em nosso *corpus* de análise, funções como indicação temporal, retomada, iniciação de turno, conclusão e até mesmo mais de uma ao mesmo tempo, ocorrências estas (à exceção da conclusiva) que com frequência não são listadas pelas gramáticas normativas. Essas ocorrências condizem com nossa hipótese de que um mesmo operador argumentativo pode apresentar variadas funções, a depender das condições do produtor e do interlocutor.

Além disso, a nossa hipótese de que o operador em questão é muito recorrente na modalidade oral de língua foi confirmada. No entanto, a análise quantitativa nos mostrou que, ainda que “então” seja de grande recorrência em textos orais (18,6%), ainda não é o preferido, já que alguns operadores com os quais concorre diretamente (pensando em contextos conclusivos) apresentam uma frequência ainda maior, como “ai” (23,5%) e “assim” (22,9%).

A observação desses fatos nos permite concluir que, de fato, para a apreensão do(s) sentido(s) de um operador argumentativo, é importante levar em conta determinados aspectos do texto, dentre os quais se destacam as relações pragmáticas que envolvem os participantes do discurso. Por fim, foi possível confirmar a teoria de Marcuschi (2008) de que a fala, tal como a escrita, apresenta uma organização própria, fazendo uso dos recursos intralinguísticos (no caso em questão, os operadores argumentativos), associados ao contexto mais amplo, a

fim de atingir os efeitos pretendidos em meio à enunciação.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: Gerenciando razão e emoção**. 9. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

ANTUNES, Irlandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior. Universidade de Lisboa, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005. Disponível em: <http://www.obrasdearistoteles.net/files/volumes/0000000030.PDF>. Acesso em 3 de outubro de 2016.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

DISCINI, Norma. **Comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2005.

DUCROT, Oswald. **O Dizer e o Dito**. Revisão Técnica da Tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. Operadores argumentativos: uma ponte entre a língua e o discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; SANTOS, Leonor Werneck (Orgs) **Estratégias de leitura: texto e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 105-116.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1987. 240 p.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 21. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RISSO, Mercedes Sanfelice. O articulador discursivo "então". In: CASTILHO, Ataliba Teixeira; BASÍLIO, Margarida (Org.). **Gramática do português falado. Volume IV: Estudos Descritivos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 423-452.